BIOGRAFIAS NO CINEMA: RESGATE DA MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA*

Biographies on cinema: Rescue of individual and collective memory

Graziela Cruz**

Resumo

A memória é objeto de estudo e análise das mais diversas áreas do conhecimento. Nas últimas décadas, um dos sinais do processo de revalorização da memória tem sido o surgimento dos "lugares de memória" (*lieux de mémoire*), sob a forma de arquivos, bibliotecas, exposições e museus, entre outras manifestações. Nas duas últimas décadas, registra-se um aumento significativo da produção de biografias nos mais diversos suportes (livros, cinema, vídeos, revistas), como instrumentos de resgate, síntese e construção das memórias individuais e coletivas. No presente artigo, busco apresentar o fenômeno do crescimento da produção de documentários biográficos e cinebiografias no Brasil a partir de meados dos anos 1990, como expressão desse resgate e registro da memória da história pessoal e coletiva.

Palavras-chave: memória; biografia; cinema.

*Artigo enviado em 18/09/2010, aprovado para publicação em 03/11/2010.

**Mestre em Artes (Cinema) na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais; Jornalista; Professora de Teoria da Comunicação do Curso de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia; Coordenadora de Comunicação Corporativa do Colégio Santo Agostinho (Padres Agostinianos); correspondente no Brasil da Revista Vida Nueva PPC – SM / Madri); articulista de cinema no blog dos Paulinos (blogpaulinos.blogspot.com).

Abstract

Memory has been object of study and analysis of different areas of knowledge. In the last decades, a sign that memory studies have regained importance has been the emergence of the “places of memory” (*lieux de mémoire*), in the form of archives, libraries, museums and exhibitions, among other events. In the last two decades, we can notice a significant increase in the production of biographies in various formats (books, movies, videos, magazines), as instruments of rescue, synthesis and construction of individual and collective memories. In this article I introduce the increase in production of biographical documentaries and biographical movies (fiction) in Brazil since the mid-1990s, as an expression of rescue and registration of individual and collective memories.

Keywords: memory; biography; cinema.

A memória tem sido, na contemporaneidade, objeto de estudo e análise das mais diversas áreas do conhecimento: das ciências biológicas às sociais; da psicologia à história e literatura; da arquitetura às ciências da computação, entre tantas outras. Um dos sinais desse processo de revalorização da memória é o aumento significativo da produção de biografias nos mais diversos suportes (livros, cinema, vídeos, revistas), como instrumentos de resgate, síntese e construção das memórias individuais e coletivas. Por meio delas, ressurgem, da poeira do passado, histórias de vidas e obras de personagens que se tornaram – ou ainda são – referência de uma época e de um contexto sociocultural.

No presente artigo, busco apresentar o fenômeno do crescimento da produção de documentários biográficos e cinebiografias¹ no Brasil, a partir de meados dos anos 1990, com a revalorização dos chamados “lugares da memória” e do “boom da memória” identificados nesse mesmo período.

Até o início do século XX, a questão da memória era comumente associada à mente, e sua estrutura era compreendida como um “conjunto indefinido e imaterial de pensamentos e produção mental, pertencente ao mundo de interesse dos filósofos” (Van Dick, 2004: 351). Conceitos como “biblioteca” e “arquivo” eram utilizados

1 Os “documentários biográficos” referem-se aos filmes da tradição do documentário, e as “cinebiografias”, aos filmes de ficção que retratam histórias biográficas.

como metáforas para explicar a retenção da informação ou a preservação da experiência em um espaço fechado, do qual ela pode ser recuperada a partir de um comando. Durante um longo tempo, para muitas gerações, entrar nesse arquivo e recuperar lembranças era o caminho dourado rumo à sabedoria e ao conhecimento que ultrapassa o aqui e o agora. Platão, um dos mais influentes pensadores da história ocidental sobre a memória, via nesse processo de “lembrar”, ao qual ele chamava de “*anamnesis*” a chave para as verdades mais profundas.

Segundo Van Dick (2004), paradigmas baseados nessas metáforas consideravam memórias como dados estáticos do passado de alguém. Tal paradigma ainda encontra-se presente em representações populares da memória, em considerações do senso comum. Contudo, ao longo do século XX, tais conceitos tornaram-se ultrapassados nos meios acadêmicos, culturais e científicos e cederam lugar a conceitos “relacionais”, que ganharam força com os trabalhos de filósofos da mente e foram corroborados por neurobiologistas.

Já em 1896, em seu importante trabalho “*Matter and memory*”, o filósofo francês Henri Bergson trata a memória não apenas como um processo cognitivo, mas também uma resposta auto-orientada de uma pessoa estimulada em seu ambiente externo. Segundo ele, para analisar a memória, é preciso segui-la no momento em que ela atua; nesse movimento, o presente dita as memórias do passado: a memória sempre teria, então, um pé no presente e outro no futuro. O cérebro não armazena lembranças, mas recria o passado a cada vez que ele é evocado. Em outras palavras, ao contrário de aceitar a existência de um reservatório de “pura memória”, da qual o sujeito recolhe suas lembranças, Bergson teoriza que a imagem evocada é uma construção do sujeito no presente (Van Dick, 2004: 352).

Jacques Le Goff (2003) afirma, por sua vez, que certos aspectos do estudo da memória em ramos da ciência como a psicologia, a psicofisiologia, a biologia e a psiquiatria podem evocar questões da memória histórica e da memória social. Alguns cientistas aproximaram a memória de fenômenos diretamente ligados à esfera das ciências humanas e sociais. “O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (Le Goff, 2003: 422). É nesse sentido que Van Dick faz uma síntese entre o caráter individual e o coletivo da memória, afirmando que a “memória pessoal cultural não está situada nem estritamente dentro do cérebro, nem fora, em artefatos tecnológicos ou na cultura, mas é o resultado de uma complexa

interação entre cérebro, objetos materiais e a matriz cultural da qual eles emergem” (Van Dick, 2007: 350).

Brockmeier (2010) caminha na mesma direção e afirma que novas perspectivas vão além da ideia de memória enquanto “arquivo” e oferecem visões mais abertas, complexas e que contemplam o aspecto da cultura. “Uma questão crucial dessas visões é que elas transcendem o cérebro individual como sendo o único lugar dessas atividades, localizando-as, ao contrário, em um complexo cenário de práticas e artefatos culturais, que são, eles próprios, sujeitos às mudanças históricas” (Brockmeier, 2010: 9).

A partir desse conceito, que sintetiza a memória como um resultado do encontro entre aspectos biológicos e sociais, a memória se afirma, pois, como um fenômeno coletivo, “uma criação cultural que não necessariamente deve ser exclusivamente mental, mas também, produto de artefatos sociais e culturais, objetivados em paisagens, monumentos, museus, bibliotecas, computadores, rituais, calendários, aniversários e outras práticas e estruturas coletivas.” (Brockmeier, 2010:10).

Crise e explosão da memória

O século XX testemunhou um fenômeno ambivalente: primeiro, a crise; depois, o “boom” da memória. Logo no início do século, no ocidente, o progresso, a rápida industrialização, a concentração urbana e a modernização dos hábitos cotidianos fragilizaram os meios tradicionais de conservação e transmissão da memória coletiva – a escola, a família, a Igreja e o estado. O interesse era voltado para o futuro e a inovação, enquanto o passado e a tradição eram negados. “À medida que a memória tradicional enfraquecia, sentiu-se a necessidade de recolher assiduamente os sinais, os testemunhos, os documentos, as imagens, os discursos, algum sinal visível daquilo que já foi.” (Sá, 2008:1427). É aí que surgem os “lugares de memória” (*lieux de mémoire*), descritos por Pierre Nora em livro publicado em 1984. Nora fala de lugares onde a memória se cristaliza e a herança se consolida sob a forma de arquivos, bibliotecas, estátuas, genealogia, exposições e museus, além das comemorações e celebrações públicas (Sá, 2008).

Tomando como referência a classificação de Brockmeier (2010), que estabelece quatro campos dos estudos da memória – social e cultural, tecnológico, literário e artístico, e biológico e cognitivo – vemos que os anos 1990 testemunham um “boom”, uma explosão de estudos e manifestações de valorização, particularmente, dos campos

social e cultural, e literário e artístico. Esse evento dinamizou a produção cultural voltada para o resgate de temas e personagens de importância histórica, política e artística, manifestada na literatura, no cinema, na música e em exposições, festivais e mostras. Tal produção encontrou um público ávido pelos artefatos e “lugares da memória”; pessoas em busca de referenciais no passado para encontrarem sua identidade no presente.

Jesús Martín-Barbero (2000) identifica várias manifestações desse “boom”: crescimento e expansão dos museus, restauração dos velhos centros urbanos, auge do romance histórico, moda retrô na arquitetura e no vestuário, entusiasmo por comemorações, multiplicação de antiquários e um grande interesse pelas biografias e autobiografias. Gostaria de chamar a atenção, justamente, para essa explosão de biografias e autobiografias, inicialmente na literatura e, posteriormente, em filmes e documentários para vídeo e cinema.

O “boom” das biografias em livros e filmes

Buscando os primórdios da narrativa biográfica, constatamos que escrever a memória das vidas e feitos humanos, para que sejam transmitidas às gerações vindouras, é uma prática antiga, iniciada com aquele que é considerado o “pai da História”: o grego Heródoto² (484-425 a.C.). Cerca de 600 anos depois, no primeiro século da era cristã, destaca-se aquele que pode ser considerado o maior biógrafo da Antiguidade: Plutarco de Queroneia, nascido em 46 d.C. Ele dedicou-se a estudar a vida dos grandes personagens do passado, sob a visão psicológica e ética. Sua grande obra “*Vitae Parallellae*” (*Vidas comparadas*) foi composta de 23 pares de biografias comparadas, na qual em cada uma despontava um herói grego ao lado de um romano. Sua finalidade principal era antes de tudo moralista, sendo as vidas dos grandes homens um reflexo para a raça humana; alguns a serem imitados, outros a serem evitados.

Dando um salto no tempo, voltamo-nos para o cenário contemporâneo no qual destacamos o lugar das narrativas biográficas, particularmente na área cinematográfica, nesse contexto

² Heródoto (Grécia, 484-420 a.C.) é considerado o precursor dos historiadores e conhecido como o “pai da História”. É autor da primeira grande narrativa histórica do mundo ocidental antigo. Viaja bastante e conhece Egito, Líbia, Síria, Babilônia, Lídia e Frígia. Escreve *Histórias*, série de nove monografias em que relata as Guerras Médicas, entre gregos e persas. Embora tenha recorrido também a fontes escritas, como os arquivos oficiais de algumas cidades gregas, Heródoto utilizou principalmente tradições orais e relatos de pessoas que testemunharam ou conheceram as testemunhas dos acontecimentos.

de revalorização da memória individual e coletiva, a partir da última década do século XX.

O aumento da produção de documentários biográficos e cinebiografias coincide com o crescimento das publicações literárias sobre o gênero. A edição de biografias cresceu 55% nos últimos anos da década passada, de acordo com o Catálogo Brasileiro de Publicações, da Editora Nobel³. Segundo Sergio Vilas Boas,

Em todo o mundo, livrarias e bibliotecas respeitáveis reservam espaço para biografias. Nos Estados Unidos, a revista *Biography* é uma das mais vendidas. [...] Com a consolidação da TV a cabo, também os meios eletrônicos passaram a se ocupar de documentários biográficos, caso dos programas *Vidas*, do Canal People & Arts, e *Biografias*, dos canais Mundo e History. O mesmo ocorre com filmes-perfis produzidos originalmente para o cinema e exibidos nos canais GNT e Futura. (VILAS BOAS, 2002: 23)

As pessoas buscam biografias, acredita Vilas Boas, pelo prazer de se projetarem em outras vidas, diferentes tempos, outros destinos e de retornarem ao presente após a viagem. É como se o leitor ou espectador estivesse em busca de si mesmo, de características de sua personalidade e de sua vida que se repetem em outras. Trata-se de não estar sozinho no mundo, mas de poder compartilhar da história de outra pessoa, não importando o tempo e o espaço que a separa de sua própria biografia.

No artigo "Os Media e a construção do biográfico: a morte em cena", os professores Elizabeth Rondelli e Micael Herschmann (Apud SCHMIDT, 2002: 279) chamam a atenção para o fato de, embora o cenário atual apontar para um futuro que velozmente se atualiza, com a presença dos aparatos tecnológicos e comunicacionais, o passado tem se tornado uma "referência emblemática para a cultura contemporânea".

A ideia do novo parece estar, cada vez mais, associada ao antigo. A revitalização de centros urbanos, a onda de antiquários, a moda retro, a nostalgia, o *remake* de filmes, a literatura confessional e biográfica, as novas maneiras de contar e recontar episódios históricos em

³ Fonte: DAMASCENO, Diana. *Entre múltiplos eus: os espaços das complexidades*. Tese de Doutorado em Letras. PUC-Rio. 1999. p. 97, apud PENA, Felipe. *Teoria da biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

livros, filmes ou documentários, os arquivos e museus e, até, o jornalismo noticioso têm atribuído destaque ao passado, tudo parecendo indicar que ele se tornou um dos paradigmas a balizar a experiência quotidiana. (RONDELLI & HERSCHMANN apud SCHMIDT, 2000: 279)

Nesse sentido, vivendo em um mundo preconizado nos anos 1960 por Marshall MacLuhan⁴ que, a seu ver, viria a se tornar uma “aldeia global”, interconectada por satélites, fibras óticas e redes informatizadas, as pessoas se veem absorvidas por uma crescente mobilidade temporal e espacial que as subtrai de sua comunidade de pertença e de sua realidade primária. Vivenciamos, todos, novos horizontes de experiência, com novos vínculos sociais que favorecem a transitoriedade e a instabilidade identificatória (HALL, 1996). É nesse contexto que têm lugar as chamadas “âncoras temporais” que nos permitem encontrar o chão firme em um oceano de estímulos que nos rouba a segurança do território conhecido (RONDELLI e HERSCHMANN apud SCHMIDT, 2000).

A busca pelo resgate da memória e do passado pode representar uma compensação ao ritmo acelerado das mudanças; uma forma de resistência à dissolução dos antigos modos de viver a experiência social. Para Rondelli e Herschmann, dentre essas “âncoras temporais”, as que se apóiam no “biográfico” talvez sejam as que chamam mais a atenção. Eles destacam a avidez pela leitura de biografias e autobiografias e a produção para as telas da TV e do cinema:

Do mesmo modo, a televisão tem se exercitado na produção de documentários e entrevistas que vão ao encontro de tal curiosidade, como também o cinema tem oferecido filmes sobre alguma personagem real, cuja trajetória de vida se presta à ficcionalização na tela. (RONDELLI e HERSCHMANN apud SCHMIDT, 2000: 281)

Neste mar revolto em que se transformou a sociedade midiática, a busca pela terra firme faz-nos recorrer a essas âncoras — como as biografias — que nos confirmam uma certa estabilidade. Como afirma Felipe Pena, no livro *Teoria da biografia sem fim*:

⁴ Herbert Marshall MacLuhan (1911-1980) foi um teórico canadense que, nos anos de 1960, criou o conceito de “Aldeia Global” ao vislumbrar um mundo interligado, com estreitas relações econômicas, políticas e sociais, fruto da evolução das Tecnologias da Informação e da Comunicação.

No ritmo alucinante da contemporaneidade, com mudanças aceleradas e dissolução de certezas e referenciais, recorrer à memória é mais do que uma compensação. É uma tentativa desesperada de encontrar alguma estabilidade diante da reordenação espacial e temporal do mundo. Lembrar é trazer de volta antigos modos de vida e experiências sociais. É tentar reviver momentos de coerência e estabilidade. (PENA, 2004: 19)

O contexto social contemporâneo valoriza as trajetórias individuais como forma de compreensão do passado e diagnóstico do presente. Mozahir Salomão Bruck (2010) afirma que

entendendo-se a memória coletiva como o resultado dessa permanente negociação entre a memória e o imaginário individual e as percepções construídas coletivamente, é importante compreendermos, também, como a valorização dos relatos sobre trajetórias individuais vai se constituir, a partir de determinado momento, como instância balizadora e também estruturante do modo de percepção do mundo em termos histórico e cultural, mas, também, por meio da própria arte. Essa busca de inscrever no acervo universal do conhecimento relatos e representações de vidas como referência e revelação de momentos da história humana, e também de posturas, percepções do mundo e/ou pela própria riqueza e força dessas mesmas trajetórias individuais a modelar 'vida heróica', instituindo-os como memória, corrobora a noção de que esta parece insinuar-se muito mais do que como um *locus* do passado, mas uma espécie de canal multi-temporal, em que presente e passado sobrepõem-se e, assim, também projetam aspectos do próprio futuro. (BRUCK, 2010)

Tomemos como exemplo um dos filmes de maior sucesso na história recente dos documentários brasileiros: *Vinícius*, de Miguel Faria Jr., o recordista de público entre os documentários no período pós Retomada do Cinema Brasileiro⁵, com 205.603 espectadores, lançado em 2005. Nas várias críticas publicadas em jornais e revistas impressas e *on-line*, é uníssono o comentário de que o filme é capaz de transpor o espectador para os tempos idos dos anos 50 e 60. E mais que isso: não se trata apenas de uma "transposição" objetiva,

⁵ Convencionou-se chamar de "retomada" a produção de filmes nacionais, em particular de longas-metragens, a partir de meados dos anos 1990, em função do estímulo propiciado pelas leis de incentivo que entraram em vigor naquela época. O filme "Carlota Joaquina — Princesa do Brasil", de Carla Camurati, lançado em 1995, é considerado o marco inaugural da "retomada do cinema brasileiro". Os principais instrumentos dessa legislação são a Lei do Audiovisual e a Lei Rouanet, em âmbito federal, que prevêm deduções no Imposto de Renda de empresas patrocinadoras.

de alguém sentado na poltrona que vê imagens de outros tempos e espaços, mas de uma saudade de tempos que pareciam ser melhores. Analisando *Vinícius*, o cineasta e crítico Arnaldo Jabor afirma perceber que há um mistério nesse filme que provoca no público uma ligação amorosa, que faz muita gente sair chorando e rindo, querendo ver de novo. Ao buscar explicações para esse fenômeno, Jabor arrisca algumas respostas.

Primeiro, ele atribui o sucesso do filme ao tema, e o tema sendo o próprio biografado. Para ele, Vinicius de Moraes seria o herói de duas décadas do grande mito de felicidade do Brasil: a Ipanema dos anos 50 e 60, numa época que começa em Juscelino Kubitschek e vai até o golpe militar de 1964.

O filme mostra um passado que poderia ser nosso presente. Ipanema era uma ilha de felicidade num país injusto, mas foi um momento raro em que o desejo e o projeto pareciam se encontrar, numa harmonia entre a praia, o bar, as ruas com amendoeiras, ruas calmas onde a música, o Cinema Novo, a literatura floresceram, antes do início da massificação.[...] Estávamos em plena utopia antes da chegada do mundo real em 64; antes do pesadelo, tivemos um sonho. [...] Ir à praia era um ato político. Ver o pôr-do-sol era um comício. A felicidade não teria fim, e a tristeza, sim. (JABOR, 2009)

O saudosista artigo de Jabor revela como o filme de Miguel Faria Jr funciona como a “âncora temporal” anteriormente citada. Ele declama que “Ipanema era o caminho. E a vida de Vinicius era exemplar.” Assim Vinícius, ele próprio, sua vida, sua existência, revelam-se “âncoras” de significado e sentido no mosaico pós-moderno em que as gerações subseqüentes mergulharam. Mais do que um personagem da história da arte e da poesia nacionais, ele se transforma num símbolo de uma época de grande riqueza, em vários sentidos, e que se perdeu.

O sucesso de filmes biográficos revela-se pelo aumento significativo de produções e pelo público crescente que ocorre às salas de exibição, mostras e festivais dedicados ao gênero. Se tomarmos apenas os documentários biográficos enfocando personalidades da música brasileira a partir de 1995, teremos nada menos que 29 filmes lançados em salas de exibição. Entre eles, *Carmen Miranda: Bananas is my business* (1995), de Helena Solberg; *Gilberto Gil: Tempo rei* (2002), de Andrucha Waddington, Lula Buarque de Hollanda e Breno Silveira; *Paulinho da Viola — Meu tempo é hoje* (2003), de Izabel Jaguaribe; *Nelson Freire* (2003), de João Moreira Salles; *A pessoa é para o que nasce* (2004), de Roberto Berliner, sobre as cantoras ceguinhas de Campina Grande; *Cartola* —

Música para os olhos (2007), de Lírio Ferreira e Hilton Lacerda, *Lóki – Arnaldo Baptista* (2008), de Paulo Henrique Fontenelle; *O Homem Que Engarrafava Nuvens* (2008), de Lírio Ferreira, sobre Humberto Teixeira; e *Titãs: A vida parece uma festa* (2009), de Branco Mello e Oscar Rodrigues Alves, só para citar alguns. Em 2009, o melhor público de um documentário brasileiro foi o de *Simonal – Ninguém sabe o duro que dei*, de Claudio Manoel, Micael Langer e Cavito Leal, com 71,4 mil espectadores.

Enfim, podemos concluir que, num mundo marcado pela dispersão, multiplicidade, efemeridade e mobilidade, a construção biográfica permite um resgate e registro da memória individual e coletiva, que ganham um novo significado, um lugar fundamental na atribuição de sentido à realidade e à história social e, por que não dizer, pessoal de cada um. Termino com um trecho do artigo de Jabor sobre *Vinícius*, que expressa bem essa constatação:

Aí, decifro outro mistério do intenso feitiço deste filme: o tempo. O tempo era outro, e me refiro a tempo como ritmo, *timing*. Movíamos-nos em outro ritmo, andávamos em paisagens claras, com perspectiva, percorríamos distâncias nítidas, andávamos pela praia até o Leblon. O mundo estava em foco e não era esse sumidouro de hoje. “Vinicius” não é um filme feito “hoje” sobre “antes”. É um filme daquele tempo que vem nos tocar agora. O tempo do filme de Miguel é o tempo de antes. E, ao vê-lo, parece que tínhamos um futuro naquele passado, e temos a chance de sentir de novo o vento, a brisa e as batidas do mar de Ipanema. (JABOR, 2009)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROCKMEIER, Jens. After the Archive: Remapping Memory. 2010. In: <http://cap.sagepub.com/content/16/1/5.abstract>

BRUCK, Mozahir Salomão. *Biografias e literatura: entre a ilusão biográfica e a crença na reposição do real*. Belo Horizonte: Ed. Veredas & Cenários, 2010.

HALL, Stuart. Identidades culturais na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996, Apud. SCHMIDT, Benito (Org.). *O biográfico — Perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

JABOR, Arnaldo. O filme Vinícius é a viagem a Ipanema do ar. 2005. In: <http://arquivoetc.blogspot.com/2005/11/o-filme-vinicius-viagem-ipanema-do-ar.html>

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5ª Ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

MARTIN-BARBERO, J. *Dislocaciones del tiempo y nuevas topografías de memoria*. Rio de Janeiro: Artelatina, 2000.

PENA, Felipe. *Teoria da Biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2004.

RONDELLI, Elizabeth e HERSCHMANN, Micael. Os media e a construção do biográfico: a morte em cena. Apud SCHMIDT, Benito (Org.). *O biográfico — Perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

SÁ, Alberto. A Web 2.0 e a Meta-Memória. Artigo apresentado durante o 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. 6-8 de setembro de 2007, Braga. In: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9358>

VAN DICK, José. *Memory matters in the Digital Age*. University of Amsterdam, 2004. In: <http://muse.jhu.edu/journals/configurations>

VILAS BOAS, Sergio. *Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus, 2002.